

A TÉCNICA COMO FORMA DE RADICALIZAÇÃO DA LUTA DE CLASSES: A IMPLANTAÇÃO DO TAYLORISMO NA UNIÃO SOVIÉTICA

*TECHNIQUE AS A MEANS OF RADICALIZATION OF CLASS STRUGGLE:
THE IMPLEMENTATION OF TAYLORISM IN THE SOVIET UNION*

Henrique Amorim¹

RESUMO: A incorporação do taylorismo à União Soviética nos anos 1920 é o tema central desse artigo. O tema, aparentemente superado, tem a relevância de tocar em questões como a da neutralidade da técnica e da ciência no processo de produção de mercadorias. Minha crítica central se relaciona à questão de que não seria possível pensar a introdução de técnicas produtivas ou de formas de administração a despeito de seu “caráter nefasto”. Dessa forma, o taylorismo, bem como qualquer forma organização do trabalho, deve ser pensado como um conjunto de relações sociais com interesses e que preenche e dá sentido à dominação e à exploração capitalista.

PALAVRAS-CHAVE: Taylorismo. Processo de trabalho. Exploração capitalista.

ABSTRACT: The Taylorism incorporation by the Soviet Union in the twenties is the central subject of this article. The issue, overcome as it could appear, has its relevance in questions like the scientific and technical neutrality during the market production process. My central argument is that it is impossible to think about the introduction of the production techniques and administration forms in spite of their “malign character”. In this way, the Taylorism, as much as any form of work organization, must be thought like an interested set of social relations that complete and gives sense to the capitalist domination and exploitation.

KEYWORDS: Taylorism. Work process. Capitalistic exploitation.

O taylorismo teve um grande alcance no mundo. Foi, na prática, não apenas uma forma de administração dos processos de trabalho, mas também foi visto como possibilidade de desenvolvimento e progresso social. Para além dos Estados Unidos, muitos outros países incorporaram a sua produção os *Princípios da administração científica*, (Cf. TAYLOR, 1978) de Taylor, tornando-os hegemônicos no que se referia à racionalização do trabalho na indústria.

No caso soviético, o taylorismo foi a expressão concreta da incorporação da ideologia do progresso técnico às teorias marxistas. A suposição de que sua introdução na sociedade soviética poderia ser realizada a despeito de seu “caráter nefasto” foi determinada por uma compreensão da técnica que a caracterizava como um conjunto de elaborações científicas desinteressadas e alheias a sua fundamentação política e ideológica.

Dizga Vertov, cineasta russo do final da segunda década do século vinte, indicou que “a incapacidade dos homens, para saber se conduzir, nos envergonha diante das máquinas;

¹ Doutor em Ciências Sociais (UNICAMP). Professor de Sociologia do Departamento de Ciências Sociais da UNIFESP-Guarulhos.

mas, o que se pode fazer, já que os modos infalíveis da eletricidade nos tocam mais fundo que o atropelo desordenado dos homens ativos e a moleza corruptora dos homens passivos”. (VERTOV, 1983, p. 131)

O anúncio de seu cinema marca esteticamente as relações sociais da antiga União Soviética e informa uma ideologia vinculada à ideia de progresso técnico e industrial para além dos confrontos classistas.

O taylorismo, como motivador de uma nova estrutura produtiva, norteava a sociedade pós-revolucionária faminta e em guerra. Trazia como modelo de desenvolvimento produtivo uma racionalidade que se universalizava na medida em que difundia uma perspectiva positiva de apropriação da técnica como meio de garantir o aumento da produtividade.

Deparamo-nos, após a Revolução Russa, com dois problemas centrais da luta de classes que se relacionam mutuamente e são indissociáveis. O primeiro refere-se à excessiva burocratização do Estado e ao afastamento do Estado/partido em relação às massas. O segundo diz respeito à implantação de uma forma de produção essencialmente caracterizada pelo processo de valorização do capital: o taylorismo. Neste artigo enfatizaremos este último aspecto, destacando as imprecisões, tanto teóricas quanto práticas, de sua introdução em uma sociedade que projetava a superação das relações de produção capitalistas.

O ponto de partida é a obra de Bettelheim, *A luta de classes na União Soviética*. (Cf. BETTELHEIM, 1979). Bettelheim desenvolve a tese segundo a qual a sociedade soviética acabou por não revolucionar suas relações de produção, fazendo, entretanto, aflorar um Estado de tipo capitalista que concentrou a propriedade privada dos meios de produção. Além da referida obra, procuraremos articular outros dois escritos: *Lenin, os camponeses, Taylor*, de Robert Linhart, (Cf. LINHART, 1983) especificamente a segunda parte, que discute a implantação do taylorismo na União Soviética e, por fim, *Luta de Classes e desvalorização do capital*, de A.D. Magaline, (Cf. MAGALINE, 1975). texto base a partir do qual retiraremos algumas observações teóricas quanto à crítica da “exterioridade” forças produtivas no processo de constituição de relações de produção socialistas. Deve-se lembrar que nossa análise tem como referência os textos de Lenin escritos nesse período e mesmo antes da introdução do taylorismo na União Soviética.

LUTA DE CLASSES E CENTRALISMO BUROCRÁTICO

O ponto de partida para analisarmos os limites da constituição de relações de produção socialistas na União Soviética pós-revolucionária não está associado apenas à implantação do taylorismo e de suas consequências. Mesmo sabendo que tal sistema de organização da produção e da disciplina de trabalho tornou ainda mais difícil essa tarefa, a pergunta central está, em outros termos, relacionada ao conjunto das relações de força na União Soviética. Trata-se de saber quais seriam os elementos da luta de classes que caracterizariam como premente a implantação do taylorismo naquela conjuntura. A pergunta central é: por que o taylorismo poderia ser adequado à construção da nova subjetividade operária pretendida pela direção bolchevique?

Partimos, assim, da hipótese de que tal sistema de organização da produção veio responder à radicalização de relações sociais conservadoras presentes na velha sociedade

soviética. Por um lado, pela formação do operariado nascente, composto por pequenos burgueses e camponeses, somada à antiga classe operária da rede ferroviária dirigida pelo partido menchevique. Por outro, e como resposta a essas forças conservadoras, pelo centralismo burocrático impetrado pelo Estado/partido bolchevique na tentativa de submeter tais frações sociais, com base no controle operário, à direção única e ao aparato “técnico” taylorista que poderia ser instrumentalizado pelo comando do Partido Bolchevique.

O problema, então, não seria apenas demonstrar em que medida os elementos do taylorismo promoveram a inviabilidade da construção de uma nova subjetividade revolucionária, mas sim analisar quais os elementos da relação de forças presentes levaram à implantação do sistema Taylor. Desta forma, nossa segunda hipótese é a de que a presença da pequena burguesia rural e do campesinato na composição do operariado emergente, acrescida à aristocracia operária menchevique conservadora e antirrevolucionária presente nessa conjuntura política forçou o Partido Bolchevique a impor um controle e uma gestão da produção formada pelo alto e deslocada das massas operárias.

A luta de classes na produção para o caso soviético condensou relações políticas, ideológicas e econômicas ao agregar formas de controle operário, relações de força entre mencheviques e bolcheviques e a própria composição do operariado industrial. Dentro desse quadro de relações de força Bettelheim nos indica que após a Revolução Russa: “As classes permanecem, embora modificadas e modificando suas relações, porque as antigas relações sociais, especialmente as relações de produção capitalistas, não são ‘abolidas’, mas transformadas pela ditadura do proletariado”. (BETTELHEIM, 1979, p.124)

As relações de produção capitalistas ainda estabeleciam o nexo de sociabilidade, mesmo em uma conjuntura extremamente modificada. Assim, resgatando uma problemática arrolada por Lenin nesse período, notamos que o velho, o “vencido”, não havia sido totalmente aniquilado e o novo ainda estava muito fraco para surgir como força fundamental/decisiva na sociedade que aflorava.

As relações de produção anteriores à Revolução Russa são, portanto, radicalizadas. A luta de classes travada nesse novo quadro ideológico-material é recomposta. Invertem-se as determinações entre a direção da economia e do comando político. A velha sociedade, na qual predominavam funções econômicas, passa, com a revolução, a ser dirigida/subordinada ao comando político centralizado; o Estado/partido adere à tese do primado do desenvolvimento das forças produtivas; de modo que a racionalização/modernização da sociedade é, dessa forma, incorporada como mecanismo central de constituição de relações socialistas de produção, sendo sua realização garantida pelo Estado.

A divisão do trabalho permanece fundamentada na separação entre trabalho manual e trabalho intelectual, entre execução e concepção/controlado. Essa separação, como base fundamental do princípio da cooperação, é aprofundada em relação ao período anterior à revolução. Isto se caracteriza a partir da incitação estatal à autonomia da direção técnica do processo de trabalho, frente à propriedade coletivista dos meios de produção e ao princípio de autodeterminação dos produtores associados.

A presença da ideologia pequeno-burguesa presente na produção, a força política exercida pelo Partido Menchevique por meio do desenvolvimento de uma aristocracia operária no sistema produtivo, somada, ainda, à incapacidade do Partido Bolchevique em compreender o sistema Taylor como agravante conservador da luta de classes na produção são alguns dos elementos que caracterizam a formação social desse período. Segundo Bettelheim: “A passagem para o controle operário e o abandono do tipo de “gestão descentralizada” e anárquica para o qual se orientam os comitês de fábrica chocam-se antes de tudo com a presença, ainda profunda nas massas, da ideologia burguesa e pequeno-burguesa favorável ao “cada um por si”, ao egoísmo de empresa e a uma concepção abstrata de “liberdade””. (BETTELHEIM, 1979, p.134)

Lenin complementa essa posição ao caracterizar a forma de intervenção do Estado para organizar o sistema produtivo, a economia e o próprio operariado: “A pequena burguesia opõe-se a toda intervenção por parte do Estado, a todo inventário, a todo controle, quer emane de um capitalismo de Estado ou de um socialismo de Estado”. (LENIN, 1981-1989, p. 305) Assim, a luta de classes, ela mesma, determinou a forma pela qual se materializou a produção na União Soviética pós-1917. Nesse sentido, o Estado soviético toma para si o lugar de disciplinador que, na verdade, deveria ser constituído pelas massas.

As condições políticas necessárias à transformação das relações de produção não estavam dadas nesse momento e, como veremos, em nenhum outro. As relações de produção quanto a sua determinação social são elas mesmas “relações [...] impostas aos agentes da produção pela estrutura dos processos de produção e de circulação, isto é, pelo processo real da produção social. Esta estrutura está inscrita na divisão do trabalho e nos instrumentos de trabalho”. (BETTELHEIM, 1979, p.126).

O conjunto de relações produtivas inscreve-se em uma determinada divisão do trabalho e se utiliza de um instrumental específico. A forma pela qual está estruturado o conjunto da produção social é, entretanto, determinada pela luta de classes anterior, sendo, na verdade, o fator preponderante do desenvolvimento específico das forças produtivas. Assim, a dominação política do proletariado soviético dava-se em um contexto social no qual seria extremamente difícil, o desenvolvimento de relações de produção que reunificassem as “funções” de direção político-econômica, proporcionando a elevação das massas trabalhadoras à condição de classe auto disciplinadora; isso, em tese, suprimiria a relação previamente estabelecida entre governados e governantes, entre Estado e proletariado.

Notamos que no quadro ideológico-material da sociedade soviética a correlação entre as forças sociais existentes não permitiu a constituição de novas relações de produção. O desenvolvimento da classe revolucionária e da consciência de classe reproduziu os antagonismos presentes na antiga sociedade, dados, num primeiro momento, pela luta de classes na produção.² (GRAMSCI, 1991, p.45)

Caracterizados pelo aprofundamento de relações de dominação, esses antagonismos estabeleceram a subsunção real do trabalhador ao capital. A tomada do Estado pelo partido revolucionário bolchevique acabou, por contingências históricas, desenvolvendo uma compreensão reducionista da constituição do socialismo. Relações de produção de tipo capitalistas

² Ver ainda: Karl Marx. “Introdução à crítica da economia política” (1978).

foram materializadas na sociedade de maneira coercitiva e pelo alto (pela ação autoritária do Estado), como forma de realização de um “novo” Estado proletário/revolucionário.

Uma concepção determinista da história, pela qual se entendia ser possível estabelecer uma nova subjetividade classista, um “novo homem” nos termos de Gramsci, foi então introduzida via taylorismo. Por conseguinte, Lenin e o Partido Bolchevique, na tentativa de controlar a aristocracia operária menchevique e o operariado de formação conservadora, acolheram o taylorismo.

Discutiremos no próximo item como o taylorismo (método de organização do trabalho) radicalizou a separação entre trabalho manual e trabalho intelectual, entre execução e elaboração da atividade material. Essa radicalização caracterizou-se a partir da própria estrutura do sistema Taylor que, em sua estrutura, agregava a externalização da concepção do trabalho e de sua execução através de uma disciplina rígida e controlada por tempos de trabalho imposto pelos dirigentes da produção nomeados, no caso soviético, pela direção central do Partido Bolchevique. O taylorismo pode ser analisado, nesse sentido, como expressão da luta de classes no interior do sistema produtivo soviético.

SISTEMA TAYLOR E AUMENTO DE PRODUTIVIDADE

O sistema Taylor mostra-se aos olhos do partido Bolchevique e, principalmente, aos de Lenin, como um “método científico de organização do trabalho. Sua implementação visa a aumentar a produção das indústrias soviéticas, isto é, ‘o aumento da produtividade do trabalho à escala nacional.’” (LENIN, 1953, p. 440). A apreciação que Lenin fez do taylorismo é dada, primeiro, pelo fato de que tal modelo de organização da produção é caracterizado pela execução de trabalhos simples e pelo aumento da produtividade em um tempo sensivelmente reduzido. Além disso, tal prática simplificada da produção poderia ser rapidamente universalizada a toda sociedade. Assim, o aumento da produtividade e a consecutiva diminuição do tempo necessário de trabalho possibilitariam, ao conjunto de trabalhadores, a possibilidade de participar ativamente da gestão do Estado. Lenin, ao fundamentar essa perspectiva, propõe uma divisão matemática de horas de trabalho e horas de participação na vida política.

Entretanto, essa participação política mostrou-se inexistente e o taylorismo acabou por intensificar as componentes específicas que reproduziam as relações capitalistas de produção, já que o sistema Taylor (sua eficácia) depende de relações sociais que salvaguardem a desigualdade econômica, pressupondo, dessa forma, a necessidade de uma classe explorada.

A divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual ganha, no sistema Taylor, a sua forma acabada, pois retira do trabalhador o saber-fazer profissional herdado das gerações anteriores de artesãos.

Em última análise, segundo Taylor, trata-se de um problema de relação de forças e de saber. Mais precisamente, de relação de forças no saber. No fundo, os operários sentem-se livres para frear a produção por que os patrões e os dirigentes de empresas os deixam praticamente livres para usar os métodos de trabalho que consideram bons, que lhes foram transmitidos por seus camaradas mais experientes. O know-how profissional é, de certa forma, um capital nas mãos dos operários: os patrões compram o uso deste capital, mas não dispõem dele diretamente e, por

consequente, ignoram de que modo o trabalho deve ser feito, qual o tempo “justo” que deve ser designado para cada tarefa, etc. Contando com a ignorância de seus empregadores, os operários impõem suas próprias normas, inferiores à produtividade possível. Troquemos [lembra Taylor] esta posição de monopólio dos operários em termos de know-how e eles ficarão em nossas mãos, no que diz respeito a normas de tempos e de rendimentos. (LINHART, 1983, p. 79)

A separação, ou melhor, a radicalização da separação entre trabalho intelectual e trabalho manual é o ponto básico para garantir o aumento da produtividade no taylorismo. Como é, então, constituída essa radicalização entre elaboração e execução no processo produtivo capitalista?

O método de Taylor não está inovando, pelo menos de modo geral, as práticas de extração de mais valia. Na verdade, ele está preocupado com os entraves nos processos de trabalho causados pelo domínio dos trabalhadores, na medida em que estes últimos interferem na concepção dos processos de trabalho e conseqüentemente exercem certo domínio desse processo.

Taylor concebe, num primeiro momento, um processo de classificação e sistematização dos saberes de trabalho, que deve ser realizado, segundo ele, por diretores científicos. Nesse sentido, pôde concluir que a sistematização destes saberes seria uma ciência visto que tal classificação nunca fora antes sido feita. “Seu ‘sistema’, no fundo, não visa, de modo essencial, à divisão técnica do trabalho (pelo menos numa fase inicial): em compensação, ele transforma e aperfeiçoa a divisão social do trabalho introduzida pelo capitalismo.” (LINHART, 1983, p. 80)

O taylorismo, dessa forma, tem o objetivo de, através da coleta de saberes adquiridos na experiência pretérita do trabalhador com seu ofício, construir uma forma de dominação exterior aos indivíduos no processo de produção. Isso faz com que, primeiro, os saberes individuais constituam-se como um sistema de doutrina, que é, segundo, exterior aos trabalhadores,³ isto é, é transformado em propriedade privada do capitalista.

A destruição do potencial de intervenção do produtor direto na produção seria a forma ideal de uma produção com resultados mais significativos do ponto de vista do capital. O parcelamento, a disciplina de tempos, a “exterioridade” dos saberes tornam-se tão aguçados que o coletivo de trabalhadores é desqualificado, o que em certo sentido interfere negativamente na relação de forças políticas que o operariado trava com o patronato.

Se o domínio que resta ao trabalhador (o saber fazer) é dele retirado, sua capacidade de intervenção dentro do processo de produção reduz-se. A luta de classes na produção ganha uma nova historicidade. O capital, com isto, ultrapassa uma nova fronteira, superando um tipo de trabalhador, artesão, e criando um novo tipo, o trabalhador especializado.

Aquilo que os operários parcelários perdem concentra-se, à face deles, no capital. A divisão manufatureira lhes opõe as potências intelectuais da produção como propriedade alheia e poder que domina. Esta cisão [...] completa-se [...] na grande indústria que faz da ciência uma força produtiva independente do trabalho e a engloba a serviço do capital. (MARX, 1965, p. 904)

³ Exterior aqui tem o sentido de ser um elemento constituído por iniciativa dos gerentes, isto é, alheio ao controle operário. Como, por exemplo, a disciplina de trabalho que é desenvolvida pelos diretores científicos do sistema Taylor e coercivamente imposta ao conjunto dos trabalhadores.

A apropriação do taylorismo pelo Estado soviético, Estado este imbuído de convicções socialistas, mostrava-se em contradição com seu projeto político. O taylorismo, mesmo se considerarmos a difícil conjuntura na qual a União Soviética estava inserida, ao contrário de desenvolver os princípios de socialização, de controle produtivo por parte dos trabalhadores, de reconstituição da concepção-execução do trabalho, na prática aprofundou a subordinação do operariado frente ao capital, na medida em que indicou ser a disciplina despótica fabril do taylorismo uma necessidade histórica para a chegada ao socialismo.

CONTROLE OPERÁRIO E RELAÇÕES DE PRODUÇÃO/FORÇAS PRODUTIVAS

O projeto inicial de Lenin baseava-se na socialização do controle da produção em escala social. “A principal dificuldade situa-se no campo econômico: realizar em todos os lugares o recenseamento e o controle mais rigoroso possível da fabricação e da repartição dos produtos, aumentar o rendimento do trabalho, socializar *de fato* a produção.”⁴ (LENIN, 1953, p. 435).

O taylorismo é, a despeito disso, introduzido como forma de controle da anarquia nos processos de organização do trabalho que haviam sido instaurados após a Revolução Russa. A implantação do taylorismo pode ser analisada, dessa forma, como uma resposta do Partido Bolchevique à força política da pequena burguesia estruturada na produção imediata.

A disciplina operária do sistema Taylor vem dar cabo às formas de poder político reproduzidas, por um lado, pelos trabalhadores militantes e/ou simpatizantes do Partido Menchevique e, por outro, pelos operários de origem camponesa detentores de uma ideologia conservadora, presos à racionalidade individualista.

Para tanto, a organização dessas formas de controle operário é designada aos especialistas e aos dirigentes de produção. Na verdade, o Partido Bolchevique tenta agregar, nesse campo de forças, elementos da antiga burguesia e da burguesia internacional para a formação e organização do sistema produtivo soviético. Tais especialistas e engenheiros são, na maioria das vezes, pagos a “preço de ouro”, gerando na base dos operários e nos próprios membros da do Partido Bolchevique forte resistência.

A apreciação de Lenin era a de que as formas de controle e de levantamento da produção criariam na massa operária uma unidade política e a possibilidade de ação e de participação dessa massa de trabalhadores na gestão do Estado. Isso aconteceria na medida em que o conjunto da sociedade participasse das tarefas de administração e de contabilidade econômica do Estado por meio de uma prática que levaria à formação de um novo Estado, de uma nova formação social, a saber, do socialismo.

Entretanto, a organização do trabalho que se apresentou nesse período não conseguiu gerar tal participação na “vida política”. Ao invés disso, desqualificou completamente tanto a iniciativa na produção imediata, ao radicalizar a separação entre concepção/controlado e execução do trabalho, quanto a atividade produtiva das massas operárias, ao fazer progredir relações capitalistas de produção.

⁴ grifo do autor.

O novo modelo produtivo introduzido na União Soviética gerou um enfraquecimento político do operariado, possibilitado pela “concentração extrema da autoridade e [de] uma submissão das massas a uma direção do processo de trabalho que lhe é exterior (o que reencontra, num ponto essencial, o espírito do sistema Taylor)”. (LINHART, 1983, p. 104).

Todo este processo de apreciação do taylorismo feito por Lenin pode ser entendido através de algumas das teses desenvolvidas em *As tarefas imediatas do poder dos soviets*. (LENIN, 1953, pp. 434-478). Neste texto, o plano da economia é sobrevalorizado; nota-se, porém, que a ditadura técnica da produção por vezes está acima, ou tem uma dimensão quase autônoma em relação a tais tarefas econômicas. Assim, percebemos o limite da crítica de Lenin ao taylorismo, o que nos leva a discutir conceitualmente a tese da exterioridade das forças produtivas no contexto da luta de classes na União Soviética.

Uma das formas de análise das relações de produção e, além disso, da excessiva importância atribuída às forças produtivas como elemento de primazia no desenvolvimento das relações sociais de uma sociedade, está relacionada ao seu aspecto positivo.

Antes mesmo da Revolução Russa já existiam alguns aspectos na obra de Lenin que iriam ser reapropriados quando da apreciação do taylorismo após a revolução. Tais aspectos, como mostra a análise da sociedade soviética após a morte de Lenin, tomaram grandes proporções. A apreciação feita por Lenin das forças produtivas, muitas vezes atribuída a Marx, tem uma dimensão redutora da realidade social. Há uma determinação direta no desenvolvimento das forças produtivas como mecanismo de superação do modo de vida burguês. Dessa forma, as forças políticas em presença estariam submetidas/subordinadas ao avanço inexorável da forças produtivas, entendidas, estas últimas, como o “motor da história”. “A história da humanidade [seria assim] a história da dominação progressiva do ‘homem’ sobre a ‘natureza’”, (MAGALINE, 1975, p. 17) e não a história da luta de classes.

Tal perspectiva estaria, assim, centrada em uma análise que entende as forças produtivas como um elemento de expansão, de mobilidade social, oposto às relações de produção que seriam um elemento de entrave, relativamente estável. Nessa concepção, o caráter conservador das relações de produção e o caráter iminente explosivo das forças produtivas caracterizam, esta última, como criadora de uma nova racionalidade, de uma nova organização da vida material.

Magaline resume essa perspectiva ao comentar o *Tratado marxista de economia*: (Cf. MAGALINE, 1971) Também, pode-se dizer que “na ação recíproca entre forças produtivas e relações de produção, as forças produtivas desempenham um papel determinante em última análise, pelo ato de acumularem perpetuamente as condições do ultrapassar das relações de produção existentes. Elas aprofundam as contradições, fazem nascer a necessidade objetiva, e, em determinados contextos históricos, a possibilidade imediata e a necessidade de transformação das relações de produção”. Ao desenvolvimento das forças produtivas é atribuído um duplo papel: por um lado, é o motor do modo de produção, faz “rebentar” o invólucro das relações de produção; por outro lado, antecipa, anuncia e prepara o modo de produção superior, cujas relações serão mais “adaptadas”. (MAGALINE, 1975, p.19)

Essa perspectiva faz com que se estabeleça, no *Tratado*, três “leis” gerais do desenvolvimento das sociedades, leis essas que são independentes das contingências históricas e que justificam a autonomia relativa das forças produtivas. São elas: a lei da “socialização da produção e do trabalho”, a lei da “transferência das funções do homem para as forças produtivas materiais e energéticas”, e a lei da “revolução periódica no desenvolvimento das forças produtivas” (revolução industrial, revolução científico-técnica, etc.). (MAGALINE, 1975, p.19-20)

O ponto central dessa perspectiva seria, então, caracterizar as forças produtivas como elemento relativamente desvinculado da luta de classes. No processo de introdução do taylorismo na União Soviética esse tipo de apreciação é tomado como central. No entanto, qualificar a implantação do taylorismo tendo como base apenas a apreciação economicista do método taylorista seria realizar uma análise parcial desse processo. A compreensão do campo de forças no processo de introdução do taylorismo parece melhor esclarecer quais eram as grandes questões desenvolvidas pela luta de classes após a Revolução Russa.

A TÉCNICA E A RADICALIZAÇÃO DA LUTA DE CLASSES

É preciso organizar, na Rússia, o estudo e o desenvolvimento do sistema Taylor, sua experiência e sua adaptação sistemáticas. (LENIN, 1953, p.457).

O ponto de partida aqui é o de que a transformação técnica substituiu/representou a revolução proletária como resposta/forma de controle das massas na União Soviética. A implantação do taylorismo, desse ponto de vista, pode ser analisada a partir de duas perspectivas mais gerais e que se relacionam também a outras sociedades. No primeiro caso vemos, nos Estados Unidos, que tal sistema de organização científica do trabalho caracterizou-se como a forma política condensada das classes dominantes de enfrentamento do operariado tradicional⁵ e dos sindicatos de base territorial e/ou de ofícios. Foi, então, uma estratégia de resposta contra tais formas de resistência da classe trabalhadora.

Para tal, um leque de transformações foi regulamentado, como por exemplo, o recrutamento e seleção de operários, prescrição do trabalho, controle e supervisão da produção, como também de salários por peças. O taylorismo sintetizou-se, nos Estados Unidos, como uma forma de combater os entraves das tradições do trabalho em relação ao capital monopolista. Assim, foi introduzido na tentativa de desestruturar as formas tradicionais da organização da produção com o objetivo de 1) superar esses entraves; 2) aumentar a produtividade do trabalho.

O aumento da produtividade do trabalho exige antes de tudo que seja assegurada a base da grande indústria [...] É preciso ainda elevar a disciplina dos trabalhadores, seu saber-fazer profissional, não desperdiçar tempo, mas intensificar e melhor organizar o trabalho [...] A vanguarda mais consciente do proletariado da Rússia já assinou a tarefa de restabelecer a disciplina do trabalho. Nós devemos apoiar esse trabalho e o fazer progredir de todas as formas. Nós devemos inscrevê-lo na ordem do dia, introduzir na prática e colocar à prova o salário por peça; aplicar tudo aquilo que é científico e progressivo no sistema Taylor. (LENIN, 1953, p. 455-456)

⁵ Aqui operariado tradicional remete ao conjunto de representações ligadas às tradições, às formas de organização da produção presentes entre os trabalhadores de ofício e também ao controle operário no processo de trabalho.

No caso da União Soviética o taylorismo é caracterizado como uma forma positiva de organização do trabalho. A direção bolchevique pensava poder separar aquilo que parece ser a base técnica (núcleo não contaminado pela história) de seus elementos sociais. Separar a base técnica da historicidade constitutiva das formações sociais norte-americanas, retirando, dessa forma, o caráter nefasto no qual o taylorismo havia historicamente se constituído nos Estados Unidos.

Segundo Linhart, Lenin faz uma reapropriação analítica do taylorismo como uma racionalização do processo de trabalho industrial. Este tipo de raciocínio leva Lenin a formular a tese de que o taylorismo em particular e o capitalismo em geral cometeram o “erro de limitar a racionalização ao processo de trabalho, e, daí, reduzi-la ao papel de uma arma suplementar, no arsenal da exploração”. [Assim,] dissociar o taylorismo de sua função de exploração capitalista e estender seus princípios a toda economia [o que constituiria] a “racionalização” da organização do trabalho, fornece o modelo de uma racionalização do organismo econômico da sociedade inteira. (LINHART, 1983, p.86)

A preocupação central de Lenin nesse período relacionava-se com a aquisição ou possibilidade de aquisição da racionalização do trabalho, pensada posteriormente para a economia como elemento dissociado do conjunto de relações sociais que as determinavam. Segundo Lenin:

O sistema Taylor prepara o tempo em que o proletariado há de designar suas próprias comissões, comissões operárias encarregadas de repartir e regulamentar judiciosamente o conjunto do trabalho social. A grande produção, as máquinas, as estradas de ferro, o telefone são coisas que oferecem mil possibilidades de reduzir a quatro vezes menos o tempo de trabalho dos operários organizados, garantindo-lhes, ao mesmo tempo, quatro vezes mais conforto do que têm atualmente. (LENIN, 1981-1988, p. 392).

Assim, à organização técnica do trabalho caberia, segundo a direção bolchevique, criar e difundir as “bases objetivas” (materiais, técnicas e científicas) capazes de potencializar o grau de homogeneidade e “unidade” da classe operária soviética emergente. Ao realizá-la se difundiria uma ideologia produtivista⁶ integrada ao próprio conceito de Estado revolucionário/proletário. Dessa união deveria resultar a “legitimidade ideológica” do Estado forte desenvolvido na União Soviética sob a direção burocrática-coletivista que se instala depois de 1921 com a NEP.

Dentro dessa perspectiva o taylorismo foi introduzido, pois seria necessário desconstruir previamente a historicidade produtiva passada. Sua universalização foi, assim, encampada como um modelo positivo de organização e gestão do trabalho imediato. O taylorismo, portanto, foi retido, no caso soviético, como um modelo científico de organização do trabalho, como uma ciência experimental, como expressão universal da racionalidade dominante que poderia ser capacitada de elementos não capitalistas. A apreciação do taylorismo na União Soviética pós-revolução de 1917 teve, portanto, uma caracterização positiva que destacou a sua fundamentação técnica a despeito de sua constituição histórica.

⁶ A própria ideologia Stakhanovista como forma glorificadora, garantida pela ideologia produtivista, do operariado, do trabalho produtivo e do industrialismo.

CONCLUSÃO

Neste artigo procuramos desenvolver a tese segundo a qual a implantação do taylorismo na União Soviética pós-1917 foi realizada com base em uma leitura positiva da técnica e da ciência. Precisamos que as forças produtivas não podem ser retidas como “externalidades” em relação ao movimento da luta de classes. A apropriação do taylorismo na conjuntura ideológico-material da União Soviética nos leva a considerar como a ciência e a técnica tornam-se forças produtivas diretas e decisivas do modo de produção capitalista. Seria interessante ainda pensarmos as expectativas de Lenin no momento da implantação do taylorismo, selecionar sistematicamente em sua obra os motivos que o levaram a indicar o taylorismo como momento prévio de constituição do socialismo, isto é, problematizar quais transformações significativas o taylorismo proporcionaria para a consecução do socialismo. Neste sentido, vimos, por exemplo, que para Lenin, por conta da necessidade em superar relações pequeno-burguesas de conteúdo fortemente individualista e que tinham suas raízes em camadas sociais oriundas do campo ou em frações médias presentes nas indústrias a introdução do taylorismo foi considerada uma possibilidade de ampliação da produtividade, mas, sobretudo de controle dessas camadas reprodutoras de interesses contrários a difusão do socialismo.

Nessa incorporação pressupunha-se a possibilidade de utilização das técnicas de gestão tayloristas sem que as relações de produção capitalistas fossem difundidas. A técnica viria sem a marca da luta de classes, a gestão da produção sem o domínio burguês. Essa pressuposição representa uma perspectiva ancorada em um tipo de determinismo tecnológico que, faz avançar a tese segundo a qual as forças produtivas seriam o elemento determinante da transformação das sociedades em geral; determinismo este que elevava seu desenvolvimento a momento chave de toda e qualquer transformação revolucionária. Quando, contrariamente, “a progressão para o socialismo consiste na [...] extinção [crescente] dos elementos capitalistas e na consolidação [permanente] dos elementos socialistas, cada vez mais dominantes”. (BETTLHEIM, 1979, p. 126)

No entanto, a caracterização da União Soviética em meio à guerra civil, à miséria, à fome e à necessidade de urgência em constituir uma base industrial para o sustento da guerra civil e da população faz parte de um conjunto de aspectos que devem ser ainda considerados em posterior aprofundamento desse tema.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Charles. *A luta de classes na União Soviética: primeiro período (1917-1923)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GRAMSCI, Antonio, *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

LENIN, Vladimir Ilyitch. Les taches immediates du pouvoir des soviets. In: *Oeuvres choisies*, Tomo II, Moscou: Editions Langues Etrangères, 1953.

_____. El taylorismo es la esclavizacion del hombre por la maquina. In: *Obras completas*, Tomo 24, Moscou: Progreso, 1981-1988.

_____. Acerca del infantilismo ‘izquierdista y del espíritu pequeño burguês. In: _____. *Obras completas*, tomo 36. Moscou: Progreso, 1981-1989.

LINHART, Robert. *Lenin, camponeses, Taylor*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

MAGALINE, A.D. *Traité marxiste d'économie: le capitalisme monopoliste d'Etat*. In: _____. *Lutte de classes et dévalorisation du capital*. Paris: Editions Sociales, 1971.

_____. *Lutte de classes et dévalorisation du capital*. Paris: Maspero, 1975.

MARX, Karl. *O capital – Livre 1*. In *Oeuvres Économie I*, Paris: Gallimard, 1965.

_____. *Introdução à crítica da economia política*. In: _____. *Coleção Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1978.

TAYLOR, Frederick. *Princípios de administração científica*. São Paulo: Atlas, 1978.

VERTOV, Dziga. *Manifesto dos Kinoks, 1922*. In LINHART, Robert. *Lenin, camponeses, Taylo*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

Recebido em 02 de agosto de 2012
Aprovado em 10 de outubro de 2012